



WILHELM VON HUMBOLDT E A ECOLINGUÍSTICA

Theo Harden (UnB)

R e s u m o Este artigo tem como objetivo mostrar que no pensamento de Wilhelm von Humboldt encontram-se vestígios de uma abordagem que pode ser chamada ecolinguística, ou seja, que esse eminente linguista e filósofo de certa forma já antecipou ideias que hoje constituem a perspectiva ecolinguística. Humboldt sempre enfatizou que a pesquisa das línguas e da linguagem não deveria limitar-se à análise da estrutura, mas que seu verdadeiro e último objetivo deveria ser levar ao entendimento sobre o espírito que movimenta as línguas e seus falantes. Por esse motivo, ele substituiu o modelo aristotélico, que vê a diferença entre as línguas como uma mera diferença de sons, por outro, segundo o qual a diferença está no nível das perspectivas de mundo (*Weltansichten*). Além disso, Humboldt introduziu uma dialética que se baseia nas forças complementares do masculino e do feminino, que ligam os processos criativos humanos a essa noção.

P a l a v r a s - c h a v e : Wilhelm von Humboldt, ecolinguística, dialética, visões de mundo.

A b s t r a c t : The aim of the present article is to show that Wilhelm von Humboldt's linguistic and philosophical works already contain traces of an approach which today is known as ecolinguistics and that this eminent thinker did indeed anticipate certain ideas which constitute this particular branch of language research. Humboldt always emphasised that linguistic research cannot be limited to structural issues, but that the true and ultimate goal of linguistics is to understand the spirit which is the driving force behind the languages and their speakers. For this reason, he substituted the Aristotelian model in which the differences between languages are seen as mere differences of sounds by one which identifies the latter on the level of worldviews (*Weltansichten*). Furthermore, Humboldt introduced a type of dialectics which is based on the complementary forces of the masculine and the feminine and he ties this notion to all human creative processes.

K e y w o r d s : Wilhelm von Humboldt, ecolinguistics, dialectics, world-views.

1 Introdução

A obra linguística de Wilhelm von Humboldt é pouco conhecida no mundo lusófono. Em parte porque, com exceção da antologia organizada por Werner Heidermann e Markus Weininger (ver HUMBOLDT, 2006), não existem traduções da obra linguística desse

pensador para o português¹, e também porque a leitura dos textos originais requer amplo conhecimento dos escritos do Iluminismo e certa familiaridade com a língua alemã do século XIX. Essa relativa inacessibilidade é lamentável porque Humboldt influenciou o pensamento linguístico ocidental profundamente e até hoje as suas ideias estão presentes nas várias abordagens teóricas da linguagem. Como acontece com frequência nos processos de apropriação de ideias, os conceitos originais são interpretados inadequadamente, mal-entendidos ou simplesmente distorcidos. Dessa maneira, Humboldt passa a ser citado como um antecessor tanto de universalistas como Chomsky² quanto de relativistas como Sapir e Whorf. Uma razão para essa possibilidade de interpretações diversas já foi mencionada: o estilo de Humboldt é, até para falantes nativos, um verdadeiro desafio. Um elemento ainda mais importante que complementa seu estilo é a inerente dialética no seu pensar, ou seja, sua visão holística das línguas e da linguagem, que permite enxergar apoio para as mais diferentes posições, particularmente quando usada sem se levar o contexto geral em consideração.³

O presente artigo tem como objetivo esclarecer alguns pontos fundamentais no pensamento de Wilhelm von Humboldt que indicam com suficiente nitidez que a área que hoje em dia é chamada de ecolinguística (COUTO, 2007; 2015) já foi parcialmente antecipada por ele.

2 Conceitos e termos

A leitura de Humboldt, como já assinalado, é um desafio até para um falante nativo de alemão familiarizado com textos filosóficos alemães. Humboldt era adepto da escrita de períodos longos com muitas orações subordinadas unidas por uma especialidade da língua alemã: a estrutura parentética.⁴ Além disso, ele usa termos que hoje em dia parecem antiquados e até arcaicos. No entanto, o problema central é a falta de equivalência adequada em português para alguns termos e conceitos importantes. Um conceito que

¹ Além dessa publicação, descobri dois livros recentes de Sebastião Elias Milani (2012). O problema é que o primeiro, aparentemente originado de uma tese de mestrado, está repleto de imprecisões e até de erros, e o segundo, obviamente uma versão mais elaborada do primeiro. Mesmo sem os defeitos mencionados, só se refere a traduções e ignora completamente os textos originais de Humboldt e a vasta literatura secundária que existe, por exemplo, em alemão, inglês, italiano e espanhol (e. g. TRABANT 1986, 1990; BORSCHE 1981; SCHARF 1994; MÜLLER-VOLLMER 1993; DI CESARE 1999). Esse fato compromete seriamente a louvável tentativa de Milani de divulgar o pensamento de Wilhelm von Humboldt no Brasil.

² Aqui devem ser mencionados tanto *Cartesian Linguistics* (1966) de Noam Chomsky quanto a reação violenta de Hans Aarsleff (1970).

³ Veja e.g. Trabant (1998).

⁴ Veja Weininger (2000).

gera problemas é *geistig*. Em princípio, a tradução do substantivo *Geist* não é tão complicada: “espírito”. Porém, o adjetivo dele derivado, *geistig*, não deve ser traduzido como “espiritual”.⁵ Esse adjetivo ocupa uma posição central no pensamento de Humboldt e ocorre com grande frequência na sua escrita. As dificuldades relacionadas a esse termo podem ser ilustradas com a tradução de *Ueber die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaus und ihren Einfluss auf die geistige Entwicklung des Menschengeschlechts* para o inglês (1988), na qual Peter Heath traduz *geistig* como *mental*, embora a expressão *mental development* normalmente esteja associada ao desenvolvimento mental e intelectual da criança.⁶ A segunda edição da tradução de Heath ainda traz como título *Humboldt: 'On Language': On the Diversity of Human Language Construction and Its Influence on the Mental Development of the Human Species*. É válido afirmar que esse título cobre apenas uma pequena parte da intenção do título do original.

Mas o que é *Geist*? O dicionário *Brockhaus* de 1837 define esse fenômeno da seguinte maneira:

Espírito é, na percepção geral, um ser consciente de si, mas não corporal, que por isso nem participa da perecibilidade e debilidade do corpo. Tudo que pertence ao espírito tem a característica da eternidade e imortalidade [...].⁷

O próprio Humboldt, no fragmento *Ueber den Geist der Menschheit* (Sobre o espírito da humanidade), no qual ele tenta descrever a força que movimenta os seres humanos, justifica a escolha da palavra *Geist* explicando-a assim:

Nestes dois aspectos, a palavra ‘Geist’ parecia a mais adequada entre todas as outras possíveis: 1. porque é originalmente tomada de algo sensual, da intensificação de bebidas espirituosas pela separação das partes aquosas (espírito do vinho); 2. porque, em rigor, nunca se refere ao puramente não sensual se não houver caracterizações particulares. Diz-se mais corretamente ‘alma e corpo’ em vez de ‘espírito e corpo’, e com frequência ‘espírito puro’. 3. porque exatamente essa palavra é peculiar para o não sensual ao qual concedemos suficiente corporalidade para que possa aparecer o sinônimo de fantasma. As almas dos falecidos vagueiam como espíritos. 4. porque essa

⁵ No título da tradução para o espanhol da obra mais conhecida e citada de Humboldt, *Ueber die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaus und ihren Einfluss auf die geistige Entwicklung des Menschengeschlechts*, a tradutora Ana Agud usa “espiritual” (Humboldt 1990), o que, a meu ver, é um erro que leva o leitor a uma direção que tem pouco a ver com a intenção do original.

⁶ Veja e.g. a obra de Jean Piaget (1970).

⁷ Geist ist nach der gewöhnlichen Vorstellung ein selbstbewußtes, nicht leibliches Wesen, welches daher weder an der Vergänglichkeit noch an der Hinfälligkeit des Körpers Theil hat. Alles, was dem Geiste angehört, hat das Merkmal der Ewigkeit und Unvergänglichkeit, [...].<http://www.zeno.org/Brockhaus-1837/A/Geist>.

palavra, nesse contexto, indica algo mais robusto e forte do que o seu sinônimo fantasma (HUMBOLDT GS VOL.II, 1903, 332-333).⁸

Geist é, portanto, uma força invisível, mas palpável, onipresente e universal, que efetua todo movimento que acontece no âmbito dos seres humanos.

Ainda mais difícil é o conceito de *Gemüt* (que muitas vezes ocorre como *Gemüth* nos escritos de Humboldt). Os dicionários português-alemão listam para *Gemüt* os seguintes significados: ânimo, temperamento, natureza, alma, carácter, compleição, índole, coração. Temos, assim, um campo semântico bastante vasto, no centro do qual está a noção de algo relacionado a emoções e disposições individuais como demonstrado no verbete em alemão:

Gemüt, por sua vez, refere-se a toda a existência espiritual do homem em sua primeira fase de desenvolvimento, de modo que a pessoa iletrada é tão dotada de *Gemüt* quanto a educada, e frequentemente mais do que esta porque a instrução é quase sempre unilateral e, neste caso, a imparcialidade do espírito, que é peculiar ao ser humano inculto mas ainda intacto, não é perdida. A relação da mente com o corpo expressa-se na excitabilidade do *Gemüt* por meio dos sentidos e impressões, que se manifesta primeiramente nas sensações e nos sentimentos (BROCKHAUS 1837).⁹

Quando avaliamos esses dois conceitos, vemos que *Geist* e *Gemüt* desempenham papéis diferentes nas atividades mentais e intelectuais. *Gemüt* representa a instância imediatamente estimulada pelas percepções e impressões que o mundo oferece, ou seja, o *Gemüt* recebe informações sensoriais, sons, imagens, cheiros etc., mas é o *Geist* que as transforma em conceitos ou mesmo em palavras, tirando-as do contexto imediato do mundo dos objetos e colocando-as numa esfera mediadora para a qual Leo Weisgerber criou o termo *sprachliche Zwischenwelt*, o mundo intermediário da linguagem, mas a primeira instância é a comunicação imediata com o meio ambiente que oferece ao *Gemüt*

⁸ In beiden Rücksichten schien Geist unter allen Wörtern, deren man sich hätte bedienen können, das Schicklichste; i., weil es ursprünglich von etwas Sinnlichem, dem Verstärken reizender Getränke durch die Absonderung der Theile (Weingeist) hergenommen ist. 2., weil es, streng genommen, nie, es sey denn mit einem besondern Zusatz, das rein Unsinnliche bezeichnet. Man sagt richtiger: Seele und Körper, als Geist und Körper, und sehr häufig reiner Geist. 3., weil es gerade das Wort für dasjenige Unsinnliche ist, dem wir gerade noch genug Körperliches einräumen, um erscheinen zu können, das Synonym von Gespenst. Die Seelen der Verstorbenen wandeln als Geister umher, 4., weil es selbst in dieser Bedeutung mehr Realität hat, etwas Kräftigeres und Stärkeres anzeigt, als das sonst gleichbedeutende Gespenst.

⁹ Gemüth bezeichnet das gesammte geistige Dasein des Menschen auf seiner ersten Entwicklungsstufe, sodaß der ungebildete Mensch ebenso sehr wie der Gebildete mit Gemüth begabt ist, ja oft mehr als dieser, weil die Bildung oft einseitig ist und in diesem Falle die Unbefangenheit des Geistes verloren geht, welche dem ungebildeten, aber unverdorbenen Menschen eigen ist. Das Verhältniß des Geistes gegen den Körper drückt sich in der Erregbarkeit des Gemüths durch Sinneneindrücke aus, welche sich zunächst in den Empfindungen und Gefühlen. <http://www.zeno.org/Brockhaus-1837/A/Gem%C3%BCth>

os estímulos que são transformados em conceitos pelo *Geist*. O elemento importante é que Humboldt ressalta deste modo o aspecto sensual das línguas, que não são apenas produtos de atividades puramente intelectuais.

3 Dialética

Quando se menciona “dialética”, são os nomes de Hegel e Marx que logo vêm à nossa mente e, como Jürgen Trabant observa, no contexto do idealismo e também do materialismo alemão a dialética é vista como uma sublime forma de comer ou até de caçar. O espírito “vê” um fenômeno, “agarra” o que vê e subsequentemente “incorpora” e “digere” esse fenômeno.¹⁰ Deste modo lemos na *Fenomenologia do Espírito* o seguinte:

O iniciado consuma, de uma parte, o aniquilamento dessas coisas, e, de outra, as vê consumir seu aniquilamento. Nem mesmo os animais estão excluídos dessa sabedoria, mas antes se mostram iniciados no seu íntimo mais profundo; pois não ficam diante das coisas sensíveis como em si essentes, mas desesperando dessa realidade, e na plena certeza de seu nada, as agarram sem mais e as consomem (HEGEL, 2011, p. 57).

Esse vir a ser apresenta um movimento lento e um suceder-se de espíritos, um ao outro; uma galeria de imagens, cada uma das quais, dotada com a riqueza total do espírito, desfila com tal lentidão justamente porque o Si tem de penetrar e de digerir toda essa riqueza de sua substância (HEGEL, 2011, p. 417).

O espírito precisa fazer isso, como qualquer “organismo”, para sustentar-se. Mas esse tipo de pensamento ocidental negligenciou uma outra *conditio sine qua non* para a manutenção da espécie: a procriação – na base da qual temos o ato sexual –, a união dos sexos opostos com o objetivo de criar uma nova entidade, um novo ser.

Humboldt nunca se distanciou do Iluminismo, como aconteceu com muitos dos seus contemporâneos, que fugiram das luzes para entrar na escuridão do Romantismo, e ficou firmemente ligado a Leibniz e Kant.¹¹ Para Humboldt a tarefa da filosofia em geral não era apenas criar luz, a filosofia também deveria criar calor. Ou seja, ele viu o concentrar-se na pura razão como insuficiente e inadequada, e, para ele, outra dimensão da existência humana era igualmente importante. Qual é essa outra dimensão? É a sexualidade, que tem

¹⁰ Veja Trabant (2002: 214). No *Manifesto Antropófago* de Oswald de Andrade (1928) encontra-se uma metáfora semelhante.

¹¹ Veja Trabant (2002, 202).

um potencial que a razão não tem: o de criar algo novo.¹² Humboldt vê a sexualidade como a raiz que ambos, a razão e a sensualidade, têm em comum.¹³

4 O masculino e o feminino

Ainda relativamente jovem, Humboldt escreveu dois artigos: *Über den Geschlechtsunterschied und dessen Einfluß auf die organische Natur* (Sobre a diferença entre os sexos e a sua influência na natureza orgânica) e *Über die männliche und weibliche Form* (Sobre a forma masculina e feminina), ambos publicados num dos periódicos mais prestigiados da época, o *Die Horen*, organizado por Friedrich von Schiller. São esses dois textos que formam a base das considerações que faço a seguir.¹⁴ Já na primeira página do primeiro artigo, Humboldt afirma que, na sua opinião, a diferença dos sexos não se restringe à mera procriação biológica e que o conceito destas duas forças, o masculino e o feminino, poderia ser aplicado “num campo ilimitado” (HUMBOLDT GS VOL.I, 1913, p. 311).¹⁵ A natureza em si ficaria completamente imobilizada se essa oposição (masculino/feminino) fosse substituída por uma uniformidade “amolecedora”.¹⁶ Então, são forças opostas mas fundamentalmente complementares que criam o movimento contínuo da vida:

Quando, então, mesmo com todas as limitações da finitude, um processo infinito deve surgir, não existe outra possibilidade além de distribuir as qualidades incompatíveis em forças diferentes, ou pelo menos em estados diferentes da mesma força, e levá-las, pelo impulso de uma necessidade, a uma atuação mútua (HUMBOLDT GS, VOL.I, 1913, p. 312).¹⁷

Na opinião de Humboldt, encontramos essas forças na diferença entre os sexos e na procriação, mas, como já foi dito, o conceito pode ser generalizado e, nesse caso, “designa

¹² Kant, que recebeu uma cópia do artigo ficou pouco entusiasmado e numa carta para Schiller ele afirma que este aspecto sexual para ele era “um abismo do pensamento para a razão humana” (SCHILLER, VOL. 35, 1943, p. 182).

¹³ Sexualidade ocupou um lugar importante também na vida privada de Humboldt. O casamento dele foi baseado numa notável tolerância mútua. Veja Hazel Rosenstrauch (2012).

¹⁴ As traduções das citações são minhas a menos que se trate de traduções já publicadas.

¹⁵ “[...] ein unermessliches Feld [...].”

¹⁶ Die Natur wäre ohne ihn nicht Natur, ihr Räderwerk stände still, und sowohl der Zug, welcher alle Wesen verbindet, als der Kampf, welcher jedes einzelne nöthigt, sich mit seiner, ihm eigenthümlichen Energie zu wafnen, hörte auf, wenn an die Stelle dieses Unterschiedes eine langweilige und erschlaffende Gleichheit träte.

¹⁷ Wenn also, bei allen Schranken der Endlichkeit, ein unendliches Wirken zu Stande kommen sollte, so blieb nichts anders übrig, als die zugleich unverträglichen Eigenschaften in verschiedene Kräfte, oder wenigstens in verschiedene Zustände derselben Kraft zu vertheilen, und sie nun durch den Drang eines Bedürfnisses zu gegenseitiger Einwirkung zu nöthigen..

meramente uma diferença tão peculiar entre forças diversas que só quando ligadas (essas forças), formam um todo e uma necessidade mútua de criar esse todo na realidade” (HUMBOLDT, GS VOL.I, p. 312).¹⁸

O feminino e o masculino são essas forças opostas e ao mesmo tempo interdependentes que trabalham para a criação de algo novo, e esse novo não é o produto de um ato relativamente agressivo como a digestão, mas o produto de uma união sensual.

Humboldt atribui características clássicas a essas forças: o masculino é o elemento que dá; o feminino, o que recebe. No entanto, Humboldt enfatiza que não se trata simplesmente de um relacionamento entre um ativo (masculino) e um passivo (feminino): as duas partes contribuem para a criação. A imaginação é uma parente do *Gemüt*, que Humboldt considera o elemento feminino, é uma força produtiva e ativa. Ela se casa com a razão e cria algo novo, e essa criação é exteriorizada pela razão, o elemento masculino. Deve-se ressaltar aqui que Humboldt não vê esse processo como sendo de dominância, ou seja, o masculino dominando o feminino, muito pelo contrário: nenhuma dessas forças pode atuar sem a outra, são equivalentes, mas desempenham papéis diferentes.

Humboldt estende esse modelo de síntese sucessivamente aos processos da língua e, na sua obra mais conhecida, que pode ser vista como um resumo de seus estudos linguísticos e filosóficos, *Über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaus und ihren Einfluss auf die geistige Entwicklung des Menschengeschlechts*, ele descreve a interação das forças acima mencionadas:

A atividade subjetiva forma um objeto no pensamento, pois nenhuma espécie de imaginação pode ser vista como um simples mirar receptivo sobre um objeto já existente. A atividade dos sentidos tem que se casar com a ação interna do espírito de forma sintética. E dessa união a imaginação então se desprega, torna-se objeto perante a força subjetiva e volta como objeto nessa força. Para esse processo, a língua é imprescindível, pois nela as aspirações do espírito abrem um caminho pelos lábios e desse modo as criações dessas aspirações voltam ao ouvido do falante. A imaginação é transposta na objetividade real sem ser tirada da subjetividade (HUMBOLDT, 1913, GS VOL. VII, 55).¹⁹

¹⁸ [...] bezeichnet er nichts anders, als eine so eigenthümliche Ungleichartigkeit verschiedener Kräfte, dass sie nur verbunden ein Ganzes ausmachen, und ein gegenseitiges Bedürfniss, diess Ganze durch Wechselwirkung in der That herzustellen.

¹⁹ Subjective Thätigkeit bildet im Denken ein Object. Denn keine Gattung der Vorstellungen kann als ein bloss empfangendes Beschauen eines schon vorhandenen Gegenstandes betrachtet werden. Die Thätigkeit der Sinne muss sich mit der inneren Handlung des Geistes synthetisch verbinden, und aus dieser Verbindung reißt sich die Vorstellung los, wird, der subjectiven Kraft gegenüber, zum Object und kehrt, als solches aufs neue wahrgenommen, in jene zurück. Hierzu aber ist die Sprache unentbehrlich. Denn indem in ihr das geistige Streben sich Bahn durch die Lippen bricht, kehrt das Erzeugniss desselben zum eignen Ohre zurück. Die Vorstellung wird also in wirkliche Objectivität hinübersetzt, ohne darum der Subjectivität entzogen zu werden. Die Objectivität erscheint aber noch vollendeter, wenn diese Spaltung nicht in dem Subject allein vorgeht, sondern der Vorstellende den Gedanken wirklich ausser sich erblickt,

A diferença entre os sexos serve aqui como modelo para todas as diferenças que se encontram na natureza. Devido ao fato de o espírito relacionar as atividades da razão e da imaginação, ele aprende a usar a forma sensual dos objetos como espelho da natureza essencial desses mesmos objetos. Isso aplica-se preferencialmente a objetos nos quais o espírito percebe um relacionamento de parentesco, segundo o princípio de que fenômenos semelhantes se reconhecem mutuamente, ou seja, o espírito de um ser humano reconhece o espírito de outro ser humano.

Entretanto, essa objetivização dentro da subjetividade é apenas o primeiro passo. Outra pessoa, um *Tu*, é necessária para que o processo se complete.

No entanto, a objetividade parece ainda mais completa se essa divisão não acontecer apenas no sujeito, mas quando o indivíduo imaginando realmente vê o pensamento além de si, o que só é possível se houver um ser diferente que esteja imaginando e pensando da mesma forma. No entanto, não há outro mediador que não a linguagem entre pensamento e pensamento (HUMBOLDT, 1913, GS VOL. VI, p. 26).²⁰

O que fica óbvio nessa citação é a ênfase que Humboldt dá à dialogicidade, não apenas da língua, mas também do pensamento, que, para ele, está inseparavelmente ligado à língua: a comunhão é elemento indispensável para o funcionamento de ambos.

O projeto de Humboldt, conseqüentemente, não termina com a análise da estrutura da língua, com a comparação de diversos idiomas nem com o estudo de um elemento (por exemplo, do verbo) em todas as línguas conhecidas, como ele propôs em sua palestra *Über das vergleichende Sprachstudium in Beziehung auf die verschiedenen Epochen der Sprachentwicklung*, e que ele considera imprescindível, mas estende-se à pesquisa daquela força que movimenta os seres humanos, o espírito.

Nesse projeto, a língua ocupa uma posição eminente porque é a ferramenta que cria um mundo entre os objetos da realidade e o pensamento, ou, como Humboldt afirmou em sua mais conhecida citação: “Pois ela [a língua] é o eterno trabalho do espírito de capacitar o

was nur in einem andren, gleich ihm vorstellenden und denkenden Wesen möglich ist. Zwischen Denkkraft und Denkkraft aber giebt es keine andre Vermittlerin, als die Sprache.

²⁰ Die Objectivität erscheint aber noch vollendeter, wenn diese Spaltung nicht in dem Subject allein vorgeht, sondern der Vorstellende den Gedanken wirklich ausser sich erblickt, was nur in einem andren, gleich ihm vorstellenden und denkenden Wesen möglich ist. Zwischen Denkkraft und Denkkraft aber giebt es keine andre Vermittlerin, als die Sprache.

som articulado para a expressão do pensamento” (HUMBOLDT, 1913, GS, VOL. VII, p. 46).²¹

O pensamento deve ser visto como um processo dinâmico e criativo que é individual e universal ao mesmo tempo porque acontece no indivíduo mas tem por base a língua que esse indivíduo já encontrou pré-formada:

Através da dependência mútua entre pensamento e palavra, fica evidente que as línguas na verdade não são meios para a representação da verdade conhecida, mas muito mais para a descoberta do que era anteriormente desconhecido. A diferença entre as línguas não reside nos sons e signos, mas na diferença de concepções de mundo em si. Aqui se encontra o maior e o último objetivo de toda pesquisa linguística (HUMBOLDT, 2006, p. 46).²²

Dessa maneira, fica bem claro que, para Humboldt, o estudo das línguas e da linguagem não se limita àquela área que é tradicionalmente vista como “linguística”, mas se refere a um empreendimento muito mais abrangente, ou seja, como já foi mencionado acima, aos estudos antropológicos. No fundo de tudo isso, encontramos o intercâmbio entre os seres humanos, a comunhão²³ motivada e acionada pelo espírito, pelas forças do feminino e do masculino que só quando se encontram e se reúnem criam algo novo.

A visão humboldtiana das línguas e da linguagem é holística, orgânica e genética. Mesmo enfatizando a necessidade de análises estruturalistas e detalhadas, Humboldt ressalta que essas só podem ser um primeiro passo. O verdadeiro objeto da pesquisa linguística é o *Geist*, o espírito que movimenta não apenas as línguas, mas os indivíduos e as nações.

Um bom exemplo dessa perspectiva encontra-se na palestra sobre a estrutura gramatical da língua chinesa, (*Ueber den grammatischen Bau der Chinesischen Sprache*). Começando com a peculiaridade da escrita chinesa, Humboldt se refere ao conceito da natureza dupla da linguagem, à combinação entre som e pensamento. Porque se trata de uma combinação, existe a possibilidade de dar ênfases distintas aos componentes, dar mais peso a um e negligenciar o outro. A língua chinesa obviamente dá preferência ao pensamento porque, na escrita, não existem indicações referentes à pronúncia. Ideogramas representam conceitos puros. Por exemplo, o número 2 representa uma

²¹ Sie [dieSprache] ist nemlich die sich ewig wiederholende Arbeit des Geistes, den articulirten Laut zum Ausdruck des Gedanken fähig zu machen.

²² Durch die gegenseitige Abhängigkeit des Gedankens, und des Wortes von einander leuchtet es klar ein, dass die Sprachen nicht eigentlich Mittel sind, die schon erkannte Wahrheit darzustellen, sondern weit mehr, die vorher unerkannte zu entdecken. Ihre Verschiedenheit ist nicht eine von Schällen und Zeichen, sondern eine Verschiedenheit der Weltansichten selbst. Hierin ist der Grund, und der letzte Zweck aller Sprachuntersuchung enthalten. (vergl. Sprachstudium, bei Heidermann nachsehen)

²³ Veja Couto 2017.

quantia claramente definida e quem conhece o sistema não precisa se preocupar com a pronúncia. O fato de a língua chinesa funcionar assim indica, para Humboldt, que a língua, ou mais precisamente, seu espírito ou *Geist* favorece o pensar, e porque não há tanta preocupação com os sons, que seria a parte material e sensual, consegue representar o pensamento de forma mais clara e perspicua do que outras línguas, nas quais os conceitos sempre são representados junto com os elementos linguísticos. Um substantivo em português, *e.g.*, contém o gênero, um verbo traz a marca do tempo ou pessoa etc. Em outras palavras, o espírito da língua portuguesa exclui certas possibilidades, de forma que pensar em português significa ter que incluir, por exemplo, uma categoria como “gênero”. Na opinião de Wilhelm von Humboldt, isso não é um defeito. Pelo contrário. A ligação mais estreita entre o pensar e os sons articulados oferece a possibilidade de fazer justiça a esses dois elementos.

5 Considerações finais

A obra de Wilhelm von Humboldt serve como referência para muitas abordagens de pesquisa linguística, particularmente quando a leitura é seletiva. O que é negligenciado com frequência é que o projeto de Humboldt é muito mais abrangente do que simples estudos linguísticos. A visão é o estudo da humanidade, um estudo antropológico em cujo fundo duas forças atuam de forma dialética e dialógica para o progresso contínuo dos seres humanos. Esse diálogo tem como ponto de partida a comunhão com o meio ambiente. As impressões sensoriais e sensuais formam a base de toda comunhão humana. Esses traços compõem o aspecto universalista do pensamento de Humboldt, mas esse filósofo sempre ressaltou que, na base dessa condição universal, existem infinitas maneiras de ver o mundo, o que vai além do mero relativismo para abrir a possibilidade de descobrir verdades ainda desconhecidas.

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que o pensamento de Wilhelm von Humboldt contém, parcialmente, muitos elementos que hoje em dia são apropriados pela ecolinguística.

Referências

- AARSLEFF, Hans. The History of Linguistics and Professor Chomsky. *Language*, v. 46, n. 3, 1970, p. 570-585.
- BORSCHÉ, Tilman. *Sprachansichten. Der Begriff der menschlichen Rede in der Sprachphilosophie Wilhelm von Humboldts*. München: Beck, 1981.

- BROCKHAUS. Disponível em: <http://www.zeno.org/Brockhaus-1837/A/Geist> e <http://www.zeno.org/Brockhaus-1837/A/Gemüt> (acesso: 23/04/2018).
- CHOMSKY, Noam, *Cartesian Linguistics: A chapter in the history of rationalist thought*. New York and London: Harper & Row, 1966.
- COUTO, Hildo H. do *Ecolinguística*. Estudo das relações entre língua e meio ambiente. Brasília: Thesaurus, 2007.
- COUTO, Hildo H. do. Linguística ecossistêmica. *Ecolinguística: Revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)*, v. 01, n. 01, p. 47-81, 2015. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/15135/10836> (acesso: 30/04/2015).
- DI CESARE, Donatella. Introduzione. In: Di Cesare, Donatella (org.). *Wilhelm von Humboldt: La diversità delle lingue*. Roma: Laterza, 1991, p. XV-CX.
- _____. *Wilhelm von Humboldt y el estudio filosófico de las lenguas*. Barcelona: Anthropos, 1999.
- HEGEL, Georg, W. F. *Fenomenologia do Espírito*. Petrópolis: Editora Vozes, 2011, 6ª Edição.
- HUMBOLDT, Wilhelm von. *Wilhelm von Humboldts Werke (= Wilhelm von Humboldts Gesammelte Schriften)*. Leitzmann, Albert (org.). Berlin: Behr's Verlag, 1903.
- _____. *On Language: The Diversity of Human Language-Structure and Its Influence on the Mental Development of Mankind*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- _____. *Humanist without portfolio: an anthology of the writings of Wilhelm von Humboldt*. COWAN, Marianne (org.). Detroit: Wayne State University Press, 1963.
- _____. *Linguagem, Literatura, Bildung*. HEIDERMANN, Werner; WEININGER, Markus (orgs.). Florianópolis: UFSC, 2006.
- _____. Sobre o estudo comparado das línguas em relação com as diferentes épocas do desenvolvimento das línguas. In: Heidermann, Werner; Weininger, Markus J. (orgs.), 2006, p. 20-93.
- _____. Über den Geist der Menschheit. In: LEITZMANN, Albert (org.). *Wilhelm von Humboldts Werke*. Vol.II, Berlin: B. Behr's Verlag, 1903, p. 324-334.
- _____. Über den Geschlechtsunterschied und dessen Einfluß auf die organische Natur. In: LEITZMANN, Albert (org.). *Wilhelm von Humboldts Werke*. Vol. I, Berlin: B. Behr's Verlag, 1903, p. 311-334.
- _____. Über die männliche und weibliche Form. In: LEITZMANN, Albert (org.). *Wilhelm von Humboldts Werke*. Vol. I, Berlin: B. Behr's Verlag, 1903, p. 335-369.
- _____. *Wilhelm von Humboldt. Über die Sprache*. TRABANT, Jürgen (org.). Tübingen: Francke, 2002.
- MILANI, Sebastião, E. *Aspectos historiográficos-linguísticos do século XIX*. Humboldt, Whitney e Saussure. Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2012.
- _____. *Historiografia linguística de Wilhelm von Humboldt*. Conceitos e métodos. Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2012.
- MÜLLER-VOLLMER, Kurt. *Wilhelm von Humboldts Sprachwissenschaft*. Ein kommentiertes Verzeichnis des sprachwissenschaftlichen Nachlasses. Paderborn: Schöningh, 1993.
- PIAGET, Jean. *A Construção do Real na Criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.
- ROSENSTRAUCH, Hazel. Aufklärung und Sinnlichkeit – Das fatale „und“ bei Wilhelm von Humboldt. *Sexuologie* 19 (1–2), 2012, p. 66–69.

SCHARF, Hans-Werner. *Das Verfahren der Sprache*. Humboldt gegen Chomsky. Paderborn: Schöningh, 1994.

TRABANT, Jürgen. *Apeliotes oder Der Sinn der Sprache*. Wilhelm von Humboldts Sprach-Bild. München: Fink, 1986.

_____. Nachwort. In: TRABANT, Jürgen (org.) *Wilhelm von Humboldt*. Über die Sprache. Tübingen: Francke, 2002, p. 201-218.

_____. *Traditionen Humboldts*. Frankfurt/Main: Suhrkamp. 1990.

_____. Verspätete Bemerkungen über den unendlichen Gebrauch von endlichen Mitteln (UGVEM). In: HENTSCHEL, Elke; HARDEN, Theo (orgs.) *Particulae particularum*. Tübingen: Stauffenburg, 1998, p. 333-347.

WEININGER, MARKUS, J. A 'Verbalklammer': *estruturas verbais descontínuas em alemão*. Florianópolis: UFSC, 2000.

Recebido: 30/03/2018.

Aceito: 13/04/2018.

Ecolinguística: Revista Brasileira de
Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL), v. 4, n. 2, 2018.